

FISIOLOGIA DE UM AMOTINADO

Bruno Braga

Passou um comício! como um baque que rasga ao meio o meio de uma avenida.
Passou um comício! como uma mancha que pinta de ruivo uma veia diluída.

Por aqui inundou um comício, qual uma enchente com pressa;
sem pedir licença, me tirou a dançar o comício em festa.

Chamem a ver, do corpo exausto, os comícios que saem no escuro;
seguindo, sem perguntar, o primeiro comício que passou pelo furo:

Puro
Porro
Esquina
e cheiro

passou sem revista, pasmem, um comício inteiro.

Prosérpina ouviu e uniu os abismos, puxando a fila dos deuses malquistos;
o gênio da lâmpada acendeu um pavio, para ver o estrondo que me dava arrepio:

Orla
Odor
Dilúvios
vazantes

flamejaram meu peito os comícios minguentes.

Desapertaram a veia das linhas das vidas, ferindo de morte o toque de Midas;
meu peito sujou a beleza vulgar, tornando arrimo dos ratos suspensos no ar:

Catarse
Relâmpago
Facho
e bordel

ao som do embate de mil mosqueteiros, passou-me batido o comício de fel.

E quando a cor rubra do lábio escapou,
E quando da face o sangue expiou,
A noite caiu formando um breu
E a íris dos olhos o comício perdeu.

O comício acabou! - vociferou o moicano;
e virou as costas ao meu corpo gitano.
O corpo está frio, esperando outro acesso,
que caiba na linha ou tempo de um poema ou verso.

E mais não direi pois guardo para mim:
É um tiro no escuro o comício de um corpo em motim.

Bruno Braga

é natural de São Bernardo do Campo, nascendo ali no dia 07 de março de 1996. Formado em Direito, frequentou as exposições de Cláudio Willer, em suas Oficinas de Criação Literária.